



O que é notícia: A influência do *gatekeeping* na produção jornalística da TCM¹

William Robson Cordeiro SILVA²

Marcília GOMES³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

RESUMO

Este artigo aborda basicamente o processo de produção da notícia em uma emissora de TV a cabo (TCM) da cidade de Mossoró, Rio Grande do Norte. A finalidade é observar quais critérios são adotados por jornalistas e os filtros que são impostos no fazer jornalístico. Qual o critério que transforma um fato em notícia? Percebe-se que o processo de *gatekeeping* começa já na pauta, no direcionamento de como a notícia será apurada – escolhida, em sua maioria sob critérios subjetivos – e seu desdobramento. Estes critérios partem de fatores culturais dos emissores e da organização jornalística, que influenciam no trabalho de edição, no que deverá ser publicado ou não.

PALAVRAS-CHAVE: *Newsmaking*; Televisão; *Gatekeeper*; TCM; telejornalismo

Introdução

O processo de produção da notícia, sobretudo em televisão, como foi o caso deste objeto de estudo, mostra-se dinâmico num fazer que envolve muitas pessoas e uma filtragem que já começa na elaboração da pauta. Objetivando analisar os processos de produção da notícia foi empregado neste trabalho duas abordagens sugeridas pelo sociólogo italiano Mauro WOLF (1992, p.159) e adotada por Manoel Carlos CHAPARRO (1994) para estudar os jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo. O autor, ao fazer o trabalho de análise deste dois diários paulistas, utilizou como metodologia o rastreamento por dissecação/reconstituição e o rastreamento por observação direta. O rastreamento por dissecação/reconstituição baseava-se na escolha da reportagem e a dissecação do conteúdo. Assim, “procedia-se à reconstituição da teia narrativa, por intermédio de entrevistas com

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do 6º período do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. williamrobson@folha.com.br

³ Orientadora do trabalho. Professora doutora do curso de Comunicação Social da Uern. marciliamedes@uol.com.br



editores, pauteiros, repórteres e fontes protagonistas” (p. 14).

O rastreamento por observação direta consistia no acompanhamento do repórter ao “longo do trabalho de coleta de dados e depoimentos, fazendo seus próprios registros para serem comparados com o texto publicado no dia seguinte” (p. 14)

Para este trabalho, a partir de uma reportagem da TCM (TV Cabo Mossoró), foram aplicadas técnicas semelhantes. A primeira diz respeito ao enquadramento escolhido, no caso, a análise das etapas de produção de uma matéria jornalística da pauta até o produto acabado dentro da perspectiva organizacional específica, ou seja, considerando a cultura organizacional do veículo. A segunda diz respeito ao método e técnica empregados: etnografia e observação participante ou observação direta, respectivamente. Acerca de etnografia Isabel Travancas esclarece:

“[...]não é apenas um método cuja prática significa '**estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, assim por diante**', elementos muito importantes no chamado 'trabalho de campo'. O que define a sua prática é o tipo de esforço intelectual que ela representa e que seria elaborar uma 'descrição densa'. Esta sim é a 'sua' definição de etnografia” (GEERTZ *apud* TRAVANCAS, 2008, p.98. ênfase do autor)

No que concerne a observação participante ou direta, *apud* CARDOSO *apud* TRAVANCAS (2008, p.102) sugere alguns cuidados, o principal para o bom andamento da pesquisa é adotar um “meio-termo” no nível de ação dentro do “campo”, significa por conseguinte ser atuante e ao mesmo tempo discreto. Atuante de modo a colher o máximo de dados possível discreto de modo a não alterar a rotina do campo.

Nosso trabalho de observação começou pela manhã do dia 16 de fevereiro de 2009, com uma conversa informal entre a diretora de jornalismo da TCM, Clarissa Paiva, o repórter João Carlos e o cinegrafista Oziel Peixoto, sobre o andamento do vestibular da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), que seguia para o segundo e último dia. A escolha da reportagem é feita a partir destas relações informais sobre temas que, segundo o editor DO Jornal TCM, Moisés Albuquerque, surgem a partir de outros noticiários. Ele comentou que este tipo de pauta emerge seguindo dois critérios: 1- por ser factual e 2- por ser assunto de interesse geral.



A intenção da pesquisa não é apenas conhecer o processo de produção jornalística, mas entender como se manifesta a seleção de uma notícia e como os filtros interferem diretamente na sua elaboração, o que incluem os critérios de edição.

O produtor da notícia

O jornalismo americano já influenciava de alguma maneira o fazer jornalístico com base na objetividade, no relato dos fatos sem qualquer opinião e como diz Viviane BORELLI (2005), “apenas um lugar de passagem, que faz simplesmente a mediação entre os campos sociais” (p.2). Essa prática chegou ao fazer jornalístico no Brasil, com a ideia do lide e da notícia sem qualquer emoção. O texto de Borelli mostra que a produção jornalística não está ligada a tal “objetividade” e uma mera testemunha ocular de um fato, porém é uma produtora de sentidos.

BORELLI mostra o processo de como o jornalista, em seu trabalho, enfrenta um dilema diante das cobranças pela objetividade e pela neutralidade, como se o fato pudesse ser relatado assim. Toda a bagagem, o repertório de vida e de cultura estão internalizadas, não sendo possível fazer qualquer produção jornalística sem que estes fatores sejam, de alguma maneira, expostos. Borelli afirma que “essas questões têm percorrido os séculos, desde o nascimento e crescimento do jornalismo” (p.3).

Dentro do processo de produção da notícia, o *newsmaking*, entende-se como as notícias são eleitas, produzidas e publicadas, tendo como princípio a rotina dos emissores. Sobre este processo, PEREIRA JÚNIOR (2003) cita que o “primeiro questionamento que surge para pôr em causa a afirmação dominante no campo jornalístico, de que as notícias são como são porque a realidade assim as determina, é do *gatekeeping*. É um processo pelo qual as mensagens existentes passam por uma série de decisões, filtros (*gates*) até chegarem ao destinatário ou consumidor” (p.78).

E este processo de produção, os critérios de noticiabilidade norteiam o fazer jornalístico dentro de uma organização. PEREIRA JÚNIOR (2003) exemplifica estes critérios como elementos em que “a empresa jornalística controla e administra a quantidade e o tipo de acontecimentos, entre os quais vai selecionar as notícias. Podemos creditar os valores/notícia como um componente de noticiabilidade”. (p. 82) A partir deste conceito de valores/notícia é que a organização vai julgar se determinados fatos são realmente importantes para serem noticiados.



Pereira Junior compara o conceito de *gatekeeper* ao de “racionalizador de demandas informativas”. E cita:

O turbilhão de estímulos da realidade é captado pelo *gatekeeper*, filtrado em inputs, que serão processados pela caixa preta até virarem outputs (notícia editada), capazes de gerar reações que vão retroalimentar o sistema (feedback), num ciclo permanente. (p.33)

Por isso, a ideia da imparcialidade, verdade dos fatos ou isenção cai por terra na medida em que, segundo Pereira Junior, a comunicação depende de um indivíduo, que faz a sua seleção – em sua maioria, por decisões subjetivas – envolvido por influências das mais diversas. “A capacidade de seleção do um receptor que não é tão livre, pois sua escolha se insere em um sistema com critérios próprios, em que o papel do regulador cabe a gatekeepers” (p.33).

As rotinas produtivas e a influência nas mensagens

Os dados obtidos dentro do campo (redação da TCM) permitiram checar hipóteses acerca da influência dos processos de codificação de mensagens, mais precisamente, das etapas de produção da notícia em uma rede de televisão, guiada por um critério de edição que hierarquiza ou simplesmente descarta informações que poderiam ou não estar incluídas na matéria. Baseia-se, em parte, em uma das três inquietações de Chaparro:

Como se manifestam, se escondem ou se simulam os propósitos que motivam e as intenções que controlam as mensagens jornalísticas na imprensa diária brasileira? (CHAPARRO, 1994, p.14).

Vale fazer uma ressalva importante. Não obstante o título desse tópico não é a intenção analisar motivações ideológicas por trás da mensagem, o trabalho restringe-se a demonstrar o afunilamento e supressão do conteúdo das mensagens televisivas necessária para a adequação ao veículo. Essa colocação é importante na medida em que a nossa presença no “campo” alterou sensivelmente a rotina do editor da TCM que mostrou preocupação – mesmo diante de seu poder de *gatekeeper* – que, nas notícias, o princípio é dar “total isenção”, e que o jornalismo da TCM é “imparcial”⁴. Entende-se que existem relações entre rotinas produtivas e discurso político e ideológico, como assertiva CHAPARRO (1994) acerca da intencionalidade



da notícia, a saber “uma intenção que se refere unicamente à execução de um fazer, enquanto que um propósito se refere à função que este fazer ou esta ação podem ter” (VAN DIJK *apud* CHAPARRO, p. 20). Apesar disso não é o objetivo do trabalho adentrar nessa seara, pelo menos não nesse artigo.

Um processo contínuo de filtros

A TCM (TV Cabo Mossoró) é uma emissora de televisão localizada em Mossoró, Rio Grande do Norte, a 280 quilômetros da capital Natal. Foi fundada em novembro de 2002 pelo médico Milton Marques de Medeiros. Trata-se de um televisão fechada, onde seus telespectadores precisam pagar uma taxa mensal (R\$ 24, o pacote básico) para ter o sinal em seu aparelho. Atualmente, a TCM tem aproximadamente cinco mil assinantes, segundo informações da própria emissora. A TV mantém um telejornal às 18h30 e um de seus noticiários foi acompanhado a fim de obter detalhes sobre o processo de produção da notícia, o *newsmaking*.

O trabalho na redação da TCM, tv cabo Mossoró, começa cedo, às 7h. Pouco depois desse horário uma equipe já está na rua cumprindo uma pauta definida no dia anterior. Sobre esse aspecto vale salientar que não há reunião de pauta formal, essas são definidas a partir de conversas formais ou informais entre a equipe de jornalismo da emissora, ou seja, todos na redação da TCM são “pauteiros” em potencial. A redação é circundada por veículos de diversas mídias: internet, jornais impressos e TV.

A partir de documentos que foram colocados a disposição, sugerem que as pautas obedecem a um padrão de escolha ou “critérios de noticiabilidade”, em uma definição de Wolf: “Conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, entre um número imprevisível e indefinido de fatos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias” (WOLF, 1992, p.168) e utilizando a classificação de ERBOLATO (1984), a saber “proximidade, marco geográfico, impacto, proeminência, aventura e conflito, conseqüências, humor raridade, progresso, sexo e idade, interesse pessoal, interesse humano, importância; rivalidade; utilidade; política editorial do jornal; oportunidade; dinheiro; expectativa ou suspense; originalidade; culto de heróis; descobertas e invenções; repercussão; e confidências – outros fatores interferem na escolha de um assunto como noticiável ou não” (p.58). Dentro dessa hierarquia figuram também as

⁴ Termos utilizados pelo editor do Jornal da TCM, Moisés Albuquerque, em fevereiro de 2009.



chamadas “pautas sazonais”, como o próprio nome sugere, são pautas referentes a ocorrências que se repetem dentro de um espaço de tempo, por exemplo, vestibulares, patrulha rodoviária, ronda policial, carnaval, etc.

Os *releases* e jornais impressos locais também exercem influência nas pautas, todavia, seguem as etapas normais dos processos de produção da notícia próprios da emissora. Essa triagem é feita pelo editor chefe e editora de imagem, de acordo com as observações e conversas dentro da redação, são eles, pelo grau hierárquico dentro da redação, os *gatekeepers* mais explícitos. Sobre *gatekeepers* Wolf esclarece:

“O *gatekeeping* nos *mass media* inclui todas as formas de controle da informação, que podem estabelecer-se nas decisões acerca da codificação das mensagens, da seleção, da formação da mensagem, da difusão, da programação, da exclusão de toda a mensagem ou das suas componentes”(DONOHUE; TICHENOR; OLIEN 1972, p.43 *apud* WOLF, 1992, p.161)

A análise: o meio é a mensagem

“Tudo é roteirizado”, essa foi a observação da editora de texto da TCM, Clarissa Paiva, observação que se mostrou evidente na medida em que do acompanhamento dos processos de produção da notícia naquela redação. Pode-se fazer uma analogia com uma fábrica cujo produto final é a notícia. A produção obedece a dinâmica de uma “linha de montagem” guiada por uma série de normas para que alcance determinado de produtos em um dado espaço de tempo, assim, a produção é fragmentada por processos técnicos e lineares cuja finalidade maior é a eficiência. Em suma, é um processo “industrial”. São exigências inerentes a codificação da mensagem na televisão, veículo caracterizado principalmente por ser **Massivo** (referente a escala dilatada e heterogênea da audiência), **Intimista** (liguagem que busca uma interação personalizada com o telespectador), **Dispersiva** (não arregimenta toda a atenção do telespectador, que pode realizar outras tarefas ao mesmo tempo em que assiste uma novela) e **seletiva**, acerca desta última MACIEL (1994) nos dá uma pista das exigências técnicas que moldam a produção de notícias na TCM:

O ritmo da televisão faz com que o veículo disponha de pouco tempo para tratar assuntos diários. Um telejornal, por exemplo faz uma seleção rigorosa dos assuntos que trata para dar apenas o que é realmente importante. E mesmo nesse caso ainda concentra as informações em um tempo muito curto. Uma notícia normal de televisão vai ter em média um minuto de



duração . Uma entrevista dentro da reportagem geralmente não ultrapassa os 20 segundos (MACIEL, 1994, p.35)

WOLF (1992) observa que a Pesquisa de White realizada em uma redação de um jornal, também colheu indícios significativos de que a técnica é elemento preponderante na escolha das notícias. É objetivo da técnica otimizar a notícia dentro das exigências do veículo tornando a notícia atrativa:

“A pesquisa de White revela que das 1.333 explicações para a recusa de uma notícia, cerca de 800 atribuíam-na a **falta de espaço** e cerca de 300 referiam ou uma **sobreposição de história já selecionadas** ou falta de interesse jornalístico ou **falta de qualidade na escrita**.[...]Estatisticamente, no que respeita às explicações fornecidas pelo jornalista e relatadas por White, **estas normas profissionais superavam as distorções subjetivas**(HIRSCH 1972, p. 22 *apud* WOLF 1992, p.160, ênfase nossa)

Newsmaking: As etapas de produção

Procuramos esmiuçar as etapas do processo de produção da notícia na redação da TCM. Embora se encontre pontos convergentes com tudo o que foi teorizado acerca de *newsmaking*, o processo é bem particular àquele “campo” dadas as variáveis envolvidas.

1º Etapa – Reunião de pauta ou conversas (pré-pauta): Através de conversas informais ou formais entre membros da redação da TCM as pautas são definidas, cada membro é um “pauteiro” em potencial. *Releases* e pautas oriundas de outras mídias também alimentam a redação, porém há uma reconfiguração para que sejam acomodadas dentro do padrão técnico e institucional do veículo. Nos processos de filtragem pode-se apreender a influência dos critérios técnicos, sintoma claro são os critérios de noticiabilidade que orientam a escolha da pauta: Proximidade, interesse humano(recorrência) e interesse pessoal. A respeito das escolhas, ainda que não teorizem a respeito, os jornalistas objetivam facilitar o processo de produção:

“a seleção das notícias é um processo de decisão e de escolha realizado rapidamente [...]. Os critérios devem ser fácil e rapidamente aplicáveis, de forma que as escolhas possam ser feitas sem demasiada reflexão. Para além disso, a simplicidade do raciocínio ajuda os jornalistas a evitarem incertezas excessivas quanto ao facto de terem ou não efectuado a escolha apropriada.”(Gans, 1979, p. 82 *apud* WOLF 1992, p.175)

2º Etapa – Produção das pautas: Após serem definidos a partir dos processos e



critérios supracitados os assuntos escolhidos são encaminhados a uma produtora. É ela a responsável pela composição da pauta propriamente dita. É de responsabilidade da produção levantar informações acerca do assunto, agendar entrevistas, sugerir retrancas, sugerir perguntas, imagens, bem como qualquer outro enquadramento que dinamize o processo subsequente. No caso específico da TCM a pauta é bem detalhada e sua arquitetura visa claramente facilitar o trabalho do repórter e o encaixe do material acabado no noticiário. Vale salientar ainda, baseado nessa conclusão, que todo o processo de produção de composição da pauta é realizado dentro de um *software* desenvolvido especialmente para aquela redação chamado SIRE (Sistema integrado de redação eletrônica) ele possibilita ao produtor confeccionar a pauta dentro de um espaço de tempo condizente com o tempo do total do noticiário.

3º Etapa – Produção da matéria: De posse da pauta o repórter segue com o cinegrafista para cumpri-la. As imagens são sugeridas na pauta mas podem ser redefinidas através de uma conversa entre repórter e cinegrafista de acordo com critérios próprios. Acompanhamos a equipe nessa empreitada, a pauta era a cobertura do vestibular 2009 da UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - , dia 16 de fevereiro de 2009 em um dos pontos onde eram realizadas as provas, na ocasião, a Escola Estadual Professor Abel Coelho. Constatamos alguns idealismos que não condizem com a realidade da etapa em si. O repórter que acompanhávamos chegou a sugerir que uma pauta pode mudar de acordo com os desdobramentos e que a equipe goza de relativa autonomia para modificá-la. Verificou-se posteriormente exatamente o contrário, se não um engessamento ao menos uma dependência do repórter em relação a produção frente a um caso de “distorção involuntária”. É “ligada às práticas profissionais, às rotinas de produção normais, aos valores compartilhados e interiorizados sobre as modalidades de desempenhar o ofício de informar” (WOLF, 2005: p. 189). Diante da impossibilidade de dois potenciais entrevistados relacionados na pauta concederem a entrevista o repórter se viu igualmente impossibilitado de mover-se dentro daquele imprevisto, ligou para a produção e por fim sem orientações por parte desta foi obrigado a retornar para a redação sem concluir a matéria. Essa dependência é mais incisiva no veículo televisão. WOLF (1992) explica:

Há que precisar que a maior parte das referências diz respeito ao jornalismo televisivo, que é mais passivo do que o da imprensa escrita e mais dependente dos sistemas de recolha institucionalizados.[...]A integração de



procedimentos de recolha e de valores/notícia reflecte-se também na interdependência existente entre as fases de recolha e as fases de estruturação do material. Os dois processos funcionam simultaneamente, dado que a recolha se verifica, sobretudo, através de fontes estáveis que tendem a fornecer material informativo já facilmente inserível nos procedimentos produtivos normais da redacção (GOLDING; ELLIOT, 1979, p.102 *apud* WOLF 1992, p.194; 195)

4º Etapa – Roteiro de edição: Superada a etapa de campo todo o material colhido (imagens, passagens e entrevistas), o repórter já na redação elabora um “Roteiro de edição”. Trata-se de uma espécie de “guia” para o editor de imagem montar a matéria o mais próximo possível do captado pelo repórter. O roteiro de produção é composto por duas colunas verticais e linhas horizontais, essas últimas variam em quantidade de acordo com as tomadas propostas pelo repórter. As verticais são compostas por uma parte textual onde são inseridas as passagens, entrevistas e *offs*. As horizontais têm caráter mais técnico e nela são inseridas sugestões de imagens captadas na atividade de campo. O repórter escreve o texto de abertura em forma de lide e o grava em um estúdio anexo a redação. Essa é a última etapa da qual o repórter participa na produção da matéria embora não seja a última do processo. É possível afirmar seguramente que o repórter tem somente uma ideia de como ficará o produto final.

5ª Etapa – Edição de texto: O repórter passa o roteiro de edição para a editora de texto. Cabe a ela identificar no material bruto (passagens, abertura, *offs*, sonoras) imperfeições de natureza gramatical e/ou estética além de adequar o material bruto (no caso da matéria que acompanhamos foram 16 minutos de material bruto) aos níveis de tempo próprios das matérias jornalísticas da televisão (cerca de 1 minuto e 30 segundos a no máximo 2 minutos). É em suma a editora de texto que decide o que fará ou não parte da matéria pronta.

6ª Etapa – Na última etapa do processo que identificamos, a editora de texto passa o roteiro com as orientações e mudanças que devem ser feitas para tornar a matéria ao mesmo tempo objetiva e inteligível. O editor de imagem a partir de uma ilha de edição configura a matéria conforme as orientações da editora de texto. A ele é delegado o direito de sugerir algumas imagens de acordo com suas percepções estéticas e conveniências técnicas.

Considerações finais

A premissa de que o jornalista deve se limitar a relatar ao fato leva à discussão quando no processo de *newsmaking* surge a figura do *gatekeeper*. Os filtros não se limitam a uma só



pessoa, mas a um conjunto de fatores, que passam desde as influências culturais, quanto as imposições das organizações. Estes filtros surgem a partir da pauta, da elaboração do tema a ser abordado pelo jornalista. Depois, outros mecanismos de filtragem são utilizados, como a questão do tempo disponível para que a reportagem seja exibida na TV, as pressões dos editores e a intervenção de outros profissionais no trabalho da reportagem. A reportagem precisa ser editada para caber no tempo pré-estabelecido pelo jornal. Isso implica um processo de edição que tende a formatar o que deve ser e o que não deve ser importante.

Dar a visão de um fato não significa que o jornalista se ateu à relatar apenas a “realidade”. Toda esta carga de influências atinge diretamente o produto final, que é a notícia. O exemplo da produção da reportagem da TV a cabo de Mossoró expõe que, em todo o momento, o processo de *gatekeeper* esteve presente. Estas influências são sentidas pelos jornalistas como numa transfusão osmótica da linha editorial da organização. O fazer jornalístico passa por “portões” que vão além da ideologia da empresa e do jornalista.

No caso da TCM, percebe-se que o *gatekeeper* passa pelos editores da área de jornalismo e até mesmo dos integrantes da técnica, como cinegrafistas e editores de imagem. O cinegrafista, ao preferir uma imagem em detrimento de outra, está fazendo valer o seu critério subjetivo e isso está enquadrado no *gatekeeper*. O editor de imagem ao eleger um take, preterindo outro, não se utiliza apenas de seu embasamento técnico, mas de seu repertório de vida.

Uma notícia, antes de ser publicizada, passa por uma plataforma de produção como numa indústria em que seus operários vão aperfeiçoando à maneira da organização até entregá-la ao consumidor. Como citado por Pereira Júnior, a notícia não chega ao receptor sem passar por um acabamento, como se retratasse fielmente um fato, como se fosse blindado de influências externas. “A teoria (da ação pessoal) acendeu o debate sobre a produção noticiosa até então engessada por análises integradas ou deterministas como a Teoria do Espelho (a notícia é espelho dos fatos e o jornalista, um mediador desinteressado)” (p.33). Mas, ao contrário este artigo mostrou, a partir de um rastreamento por observação direta que o produto final foi concebido sim, a partir destas influências externas.

REFERÊNCIAS

BORELLI, Viviane. **Jornalismo como atividade produtora de sentidos**. Portugal, 2005 Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/borelli-viviane-jornalismo-atividade-sentidos.pdf>. Acesso em 24 de



junho de 2009

CHAPARRO, Manuel C. **Pragmática do Jornalismo** – Buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. Summus Editorial. São Paulo, SP; 1994,

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio(Org.).**Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo: Redação, captação e edição no jornal diário**. 5.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

HOHLFELDT, Antônio. MARTINO, Luiz C., FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação: Conceitos, escolas e tendências**. 7ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MACIEL, Pedro. **Guia para Falar (e Aparecer) bem na televisão**. Porto Alegre. 2ª. Edição. Sagra-DC Luzzatto. 1994

PEREIRA JR. Alfredo Eurico Vizeu. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. 3ª edição. Porto Alegre. EDIPUCRS. 2003

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. **Guia para a Edição Jornalística**. Petrópolis,RJ. Editora Vozes. 2006

WOLF, Mauro. **Teorie delle Comunicazioni di Massa**. Editora Presença, Lisboa, 1992.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.